

Eleito, Maluf faria Sarney seu ministro

Rubem de Azevedo Lima

O presidente José Sarney admitiu, quando presidia o PDS, em meados de 1984, aceitar um ministério no governo do então deputado Paulo Maluf, pedessista de São Paulo, caso este fosse eleito Presidente da República pelo Colégio Eleitoral, em 15 de janeiro de 1985.

Essa foi a história contada ontem, na Câmara dos Deputados, pelo ex-deputado Eduardo Galil, antigo vice-líder da extinta Arena e do PDS, nos governos dos generais Ernesto Geisel e João Baptista Figueiredo.

Em conversa informal com o repórter do JBr, Galil atribuiu o fracasso dos entendimentos entre Sarney e Maluf a interferências negativas do então ministro Leitão de Abreu. (à época titular do Gabinete Civil de Figueiredo), e do próprio Presidente da República.

Galil rememorou diversos episódios pouco conhecidos, sobre a sucessão do ex-presidente Figueiredo, pois deles participou como amigo de Maluf e na condição de deputado pedessista. Além de Sarney e Maluf, também é personagem das reminiscências do ex-deputado o presidente eleito indiretamente em 1985, ex-governador mineiro, Tancredo Neves, do PMDB.

Acerto Sarney-Maluf

Contou o ex-parlamentar que, ao ser lançada a candidatura de Maluf, ele e Sarney se reuniram na casa do empresário Nagi Nahas, em São Paulo, presentes vários empresários, entre os quais Matias Machline, amigo do Presidente.

Na oportunidade, Maluf ofereceu a Sarney um ministério em seu Governo, caso fosse eleito Presidente da República, através do Colégio Eleitoral, em janeiro de 1985. Sarney relutou um pouco diante da oferta, mas seu amigo Machline insistiu, então, para que o presidente do PDS concordasse com a proposta, "uma vez que Maluf seria eleito tranquilamente". Por motivos alheios à vontade de Maluf e de Sarney, o acordo político entre ambos, visando ao apoio da chapa oficial do PDS à sucessão de Figueiredo, acabou não sendo fechado.

Quando Sarney renunciou à presidência do PDS — de acordo com o relato de Galil — os malufistas continuaram convencidos de que Maluf não perderia a eleição indireta, em face da legislação sucessória então vigente, que exigia fidelidade partidária.

Impugnação

Por sinal, Galil pretendeu impugnar a candidatura de Sarney, ex-pedessista, como companheiro de chapa de Tancredo Neves, do PMDB, logo que foram lançados os nomes de ambos, pela Aliança Democrática.

Maluf, no entanto, não permitiu tal impugnação, alegando que Sarney, por não ser benquisto no PDS nem no PMDB, acabaria por fazer com que muitos políticos deixassem de votar em Tancredo, no Colégio Eleitoral. Por esse motivo, aliás, durante a eleição, ao ver reduzidas as chances eleitorais de Maluf, Galil propôs à Mesa que fossem feitas duas votações isoladas: uma para presidente (o nome de Tancredo era, naquele instante, considerado imbatível); e outra para vice-presidente (entre Flávio Marcílio, companheiro de chapa de Maluf, e Sarney, da chapa de Tancredo). A mesma indeferiu a pretensão de Galil e Sarney acabou beneficiado pelo prestígio de Tancredo.

No caso da impugnação da candidatura do ex-pedessista Sarney, como vice-presidente do peemedebista Tancredo, Galil assegura que contava com pareceres de especialistas em legislação eleitoral "absolutamente irresponsáveis".

"Pelo fato de haver sido eleito senador por um partido extinto, à época, a antiga Arena — conta Galil — Sarney poderia filiar-se a outra agremiação, sem perder o mandato. Mas, por lei, para candidatar-se a qualquer cargo, eletivo, ele, Sarney, precisaria ter, no mínimo, um ano de filiação em seu novo partido, o PMDB. Por ocasião da eleição indireta de presidente e vice-presidente — concluiu o ex-deputado — Sarney tinha menos de seis meses de filiação nesse partido".

Recordou ainda o ex-deputado que antes mesmo de Tancredo Neves renunciar ao governo de Minas, para concorrer à presidência da República, o empresário de comunicação e de complexo educacional Edevaldo Alves da Silva, dono da Rede Capital de Televisão, reuniu, em sua casa, o então governador mineiro e o deputado Paulo Maluf, candidato à sucessão de Figueiredo. Edevaldo, cujo filho se casou recentemente com a filha de Maluf, pelejou — segundo a versão de Galil — para que os dois fizessem um acordo sucessório. Tancredo mostrou-se receptivo à idéia, mas Maluf repeliu, terminantemente, todas as tentativas do empresário. Ao retirar-se desse encontro, Edevaldo comentou com Galil, que "infelizmente, por intransigência do candidato, a candidatura Maluf estava arruinada".

Após a recordação de todos esses fatos, Eduardo Galil, que pretende candidatar-se à prefeitura de Trajano de Moraes, no interior do Estado do Rio, no pleito municipal de 1988, deixou uma indagação no ar, sobre a sucessão de Sarney: "Que acha da chapa Leonel Brizola, presidente, e Paulo Maluf, para vice-presidente?"